PRÁTICAS DE ENSINO DE LITERATURA E SUAS RELAÇÕES COM O CONCEITO DE LEITURA

Zizi Trevizan¹, Juliana da Silva Pires²

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE. ¹Programa de Mestrado em Educação, Presidente Prudente – SP. ²Curso de Letras, Presidente Prudente - SP. E-mail: zizi@unoeste.br

RESUMO

A presente pesquisa, de Iniciação Científica, objetivou, por meio de um estudo qualitativo (de cunho bibliográfico) e Análise Documental de parte dos dados coletados junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP(2009-2013), levantar as discussões acadêmicas referentes à Prática de Ensino de Leitura no país e estabelecer suas relações com o conceito de leitura trabalhado na Educação Básica. Como resultados obtidos, foi constatado que as produções acadêmicas continuam a apontar inadequações nos modos metodológicos de ensino de leitura, sobretudo da leitura do texto literário, centradas na concepção apenas lúdica e, portanto, redutora da leitura do texto literário, (abordado apenas nos seus sentidos literais de dicionário) e não estéticos, filosóficos e ideológicos, como recomenda a teoria semiótica (bakhtiniana) de abordagem textual.

Palavras- chave: Pesquisas acadêmicas; Ensino de Leitura; Ensino de Literatura; Formação Docente; Educação Básica.

PRACTICES OF TEACHING READING SKILLS AND THEIR RELATION WITH THE CONCEPT OF READING

ABSTRACT

This scientific initiation research, through a qualitative study (bibliographic sources) and document analysis of the data collected from the National Institute of Educational Studies and Research - INEP (2009-2013), aimed at raising academic discussions regarding the practice of teaching reading skills in the country and establishing its relation with the concept of reading used in basic education. The collected data points out that the academic productions continue demonstrating methodological inadequacy modes of teaching reading skills, especially in the reading of literary texts, which focuses on ludic conceptions. As a result, the reading of the literary text is reduced, covering only its literal dictionary meanings, and ignoring its aesthetic, philosophical and ideological sense, as recommended by the semiotic theory (Bakhtin) of textual approach.

Keywords: Academic research; Teaching Reading; Teaching Literature; Teacher Training; Basic Education.

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Reflexões sobre o ensino de literatura e sobre suas relações com o conceito de leitura trabalhado na Educação Básica revestem-se de suma importância, pois é por meio da leitura e da compreensão de textos que conseguimos compreender as relações sociais e culturais que nos sustentam enquanto cidadãos e os valores humanos nelas implícitos. Ao falarmos de criticidade do sujeito leitor, nos referimos à necessidade de leitura do papel social da linguagem, uma vez que é a partir dela e por meio dela que conseguimos possibilidade de trânsito sociocultural mais eficiente. Tal eficiência está alicerçada em estatutos de criticidade. Martins (1995, p.66) enfatiza a leitura eficaz, ressaltando:

a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a individualidade como o universo das relações.

Com base na citação de Martins, é fundamental compreendermos o processo que envolve as representações do ato de ler que “consiste em uma das formas de conservação da memória histórica, como depositária das relações transtextuais e discursivas, que podem deslocar o leitor da inércia e o transformar em sujeito ativo” (BARBOSA e ANNIBAL, 2009, p. 3).

No caso deste estudo, intitulado **Práticas de Ensino de Literatura e Suas Relações com O Conceito de Leitura**, propõe-se refletir sobre o ensino da recepção do texto literário, uma modalidade textual que pressupõe o reconhecimento do aprofundamento filosófico da mensagem, por meio de usos estéticos (inovadores) e ideológicos da linguagem (BAKHTIN, 1986). Quando falamos em representações, nos referimos, portanto, ao conceito da natureza ideológica, bakhtiniana .

O ensino de literatura, também sob a ótica de Zilberman (1993), está a serviço da leitura e tem como intuito transformar o indivíduo em leitor/cidadão crítico. Deste modo, um aluno não se torna leitor apenas pelo fato de ter aprendido a ler os sentidos literais de um texto (sentidos de dicionário). Para que ele seja “transformado” em leitor, é necessária a intervenção do professor, que deverá apresentar ao aluno a concepção estética e ideológica de prática da leitura literária, como possibilidade de construção de um leitor sensível e intelectual para reconhecimento crítico das relações dos signos do texto com o mundo (com seus usuários e suas representações).

Logo, é importante que o estudo da obra literária faça parte da trajetória escolar, visto que:

o recurso à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e o texto, assim como entre o aluno e o professor. No primeiro caso,

trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta do mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar que este processo se viabilize na sua plenitude (ZILBERMAN, 1993, p. 35).

É fato que, por meio da Literatura, ocorre o acesso à produção linguística acerca da nossa realidade sociocultural. A Literatura, segundo Coutinho (2008, p.23):

[...] é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformado em material estético.

Assim, a Literatura, por meio de sua função estética, coloca a própria linguagem em primeiro plano, substantiva a realidade representada e, com isso, é por meio da linguagem e pela compreensão das representações do ato de ler que procuramos entender melhor o ambiente sociocultural do qual emergem os textos.

Verificamos que os escritores criam universos ficcionais, representando os mais diferentes aspectos da vida humana, mediante uma especial articulação dos elementos estruturais que compõem a obra, o que nos permite um aprofundamento das reflexões sobre o real, no momento da leitura.

Toda essa peculiar organização estética da linguagem literária não constitui uma simples técnica, mas sim configura as estratégias selecionadas pelo(a) autor(a) para expressar, substantivamente, a realidade vivida. Assim antes de discutirmos o papel da escola, o que é certo ou o que é errado nas práticas pedagógicas com a literatura, temos de nos ater às políticas de formação de leitores que chegam até a escola básica e que, possivelmente, emanam das representações de leitura já existentes na prática docente e que, certamente, por sua vez, sofrem influências da formação universitária recebida nos cursos de Licenciatura.

Compreender como o ato de leitura se constitui socialmente nos abre oportunidades de repensarmos a vida contida na Arte e, sobretudo, de percebermos as sutilezas do discurso hegemônico, que, às vezes, produzem ideias ingênuas ou até equivocadas tanto a respeito do ato de ler quanto do ensino de literatura. Tais ideias, normalmente, têm origem no senso comum e as pessoas que as assumem insistem em empregar frases de efeito, como, por exemplo: “a leitura é uma viagem”, “literatura é cultura”... Tudo isso parece cair no vazio, quando não é entendido e

desmistificado à luz de pressupostos teóricos e de pesquisas sobre o ensino de Literatura e seus efeitos no sujeito leitor/cidadão.

Acreditamos que as complexas relações sociais, ideológicas, estéticas, implicadas na compreensão do texto de literatura podem contribuir para a formação do leitor crítico, para que ele possa posicionar-se contra este jogo de poder e construção de verdades questionáveis sobre os valores da Literatura, oferecendo-se uma neutralização da ingenuidade e, conseqüentemente, um acesso mais amplo à linguagem literária como constitutiva da identidade humana transformadora de realidades socioculturais.

O ganho de formação crítica com a leitura literária é fundamental para ações autônomas, tanto no plano individual quanto coletivo, na sociedade. A perda parece ser grande para quem não consegue experimentar os resultados produtivos desse acesso à condição de leitor (de perfil filosófico e ideológico) da Arte Literária. Todas essas discussões são de grande importância, pois podem levar a análises sobre as representações do ensino de linguagens, sobretudo a literária.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica com características panorâmicas e também analíticas acerca de parte do acervo do Inep (2009-2013), sobre concepções e modos de ensino de literatura, optou-se por se fazer um recorte nos materiais levantados, com a finalidade de se efetuar uma amostragem dos dados obtidos. A expectativa desta pesquisa de IC foi a de obter e ofertar aos interessados no tema as discussões existentes em um órgão de abrangência nacional e influente nas políticas educacionais no Brasil.

O presente artigo tem como objetivo geral efetuar um levantamento de pesquisa sobre o ensino de literatura no Brasil. Os objetivos específicos propõem discutir a importância do ensino de literatura e das práticas de leitura para uma construção subjetiva e coletiva do cidadão (leitor de perfil crítico, postura filosófica e ideológica).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a qualitativa, de cunho bibliográfico e inclusão de uma análise documental de parte de dados oriundos do acervo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, 2009-2013.

Neste artigo, para uma breve demonstração dos usos da literatura na Escola, foram selecionados dois estudos coletados do INEP: o primeiro foi escolhido pelo vínculo estabelecido com o Ensino Médio e o segundo, pela relação firmada com a Educação Infantil e a Fundamental, configurando, ambos, a Educação Básica.

Estudo 1. Título: Práticas de leitura no ensino médio: o PIBID de Letras (PIBID – Bolsa de Iniciação Científica à Docência/CAPES; financiamento do CNPq)

Adair Aguiar Neitzel, Cleide Jussara Muller Pareja, Serenita Hochmann.

Resumo

Analisa-se quais estratégias de leitura os licenciandos de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) desenvolveram, no decorrer do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica à Docência (PIBID); quais concepções dão sustentação a essas estratégias e como elas colaboram para a formação de leitores no ensino médio, em duas escolas da rede pública estadual de Santa Catarina, na cidade de Itajaí. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados os portfólios produzidos pelos licenciandos durante o desenvolvimento do projeto, postados no ambiente virtual da instituição executante, denominado Sophia. Foram analisadas cinco estratégias de leitura que se mostraram alinhadas com a concepção de literatura, a qual concebe o texto como objeto a ser fruído, apreciado, preservando sua função estética (FONTE: INEP – Acesso em 25/02/2014).

Comentário do estudo 1

Como foi ressaltado, no resumo deste estudo coletado do INEP, as cinco estratégias de leitura analisadas “se mostram alinhadas com a concepção de literatura frutiva, a qual concebe o texto como objeto a ser fruído, apreciado, preservando sua função estética”

Cumpramos, aqui, os inúmeros equívocos ocorridos, na Educação Básica, com este conceito de *literatura frutiva*, como se a sua função principal fosse a de propiciar, sobretudo aos pequenos e jovens leitores, momentos prazerosos de ludismo. Cunha (1987, p. 41) já nos alertara que “o grande problema da literatura (...) está nesse engano de perspectiva ao lidar com a obra literária”. A *Literatura frutiva* não se restringe a procedimentos lúdicos no ato da leitura. Ela implica uma leitura prazerosa pela profundidade de descoberta da mensagem humana e artística e deve ser introduzida, desde as séries iniciais de escolarização (e intensificada no Ensino Médio) como objeto cultural no universo crítico do receptor. Como aponta Trevizan (2007, p. 42) ler a esteticidade de uma obra literária significa ler o objeto artístico como um “sistema auto-organizador”, de alta complexidade nas inter-relações dos signos, já que se trata da organização de um sistema específico, pelo qual se interligam múltiplas e variáveis unidades de sentidos, de forma imprevisível.

Assim, o prazer de ler literatura está na competência crítica (do leitor) do texto literário, para reconhecê-lo como uma realidade plural, confirmadora das possibilidades de diferentes reflexos ou relações do leitor com o texto; e é neste processo contínuo de realizações múltiplas de significados a cada vez produzidos e modificados pelo leitor, em novas e diversas leituras, que

reside o prazer de ler o texto estético, perpetuado no tempo histórico e renovado a cada revisitação do texto.

Neste sistema processual de leitura, pelas realizações múltiplas de significados (que se inter-relacionam na totalidade significativa da obra), é que o leitor confirma o que é ressaltado por Costa Lima, n' **A metamorfose do silêncio** (1974), apud Trevizan (2007, p.40): a estética constitui uma forma específica de comunicação, a mais adequada possível para uma “substantivação do real” e para a perpetuação dos seus efeitos de sentidos no tempo histórico-social de formação cultural, psicológica, filosófica, ideológica do homem. Portanto, a estética do texto literário exige a construção da competência intelectual do leitor (responsabilidade das escolas) e não se reduz a procedimentos lúdicos, simplistas, de esvaziamento da “substantivação da realidade” trabalhada pela arte.

Estudo 2. Título: Atividades lúdicas e literatura infantil na prática pedagógica: evidências de uma amostra de escolas no Oeste do Brasil

Maria Auxiliadora Negreiros de Figueiredo Nery; Débora Catarina Silva; Paulo N. Figueiredo.

Resumo

Muito embora haja vários estudos que apontem para a importância do uso de literatura infantil e de atividades lúdicas para o processo de ensino-aprendizagem, ainda há escassez de estudos que avaliem não apenas a incidência, mas a maneira como tais atividades são usadas em escolas, principalmente em um contexto distante dos centros economicamente desenvolvidos do Brasil. Este artigo examina essas questões em uma pequena amostra de 20 escolas de educação infantil e de ensino fundamental em Corumbá-MS, um município localizado no lado oeste do Centro-Oeste brasileiro: oito municipais, quatro estaduais e oito da rede privada. Baseando-se em evidências empíricas de primeira mão, colhidas diretamente nas escolas pesquisadas por meio de um extensivo trabalho de campo e de técnicas múltiplas de coleta de dados, este estudo indica que, pelo menos nessa amostra de escolas, a adoção das práticas pedagógicas baseadas em atividades lúdicas e no uso da literatura infantil é variada tanto em termos de sua incidência como em termos do modo como são usadas. Essa heterogeneidade foi encontrada tanto dentro de cada categoria de escola (estadual, municipal ou privada) como entre as três categorias. As evidências sugerem que a carência de uma formação específica dos professores parece ser um inibidor crucial à adoção e ao uso adequado de atividades lúdicas na prática pedagógica das escolas pesquisadas. Recomendamos, portanto, uma substancial melhoria da formação dos professores no sentido de proporcionar-lhes uma formação mais compreensiva, a fim de ampliar e aprimorar o seu entendimento sobre a real importância das atividades lúdicas para o processo de aprendizagem interativa e criativa. Isto, por sua vez, implicaria uma convergência de esforços por parte não apenas da gestão das escolas, mas também das universidades, que formam os professores, e dos formuladores de política

pública, local e nacional, que podem influenciar na provisão de recursos físicos, financeiros e humanos. (Fonte: INEP, Acesso em 24/07/2014)

Comentário do estudo 2

O estudo em questão utilizou-se de uma amostra significativa de 20 escolas de educação infantil e de ensino fundamental (oito municipais, quatro estaduais e oito da rede privada). Utilizando-se de dados coletados diretamente destas escolas e também por meio de um extensivo trabalho de campo – os pesquisadores revelaram a mesma tendência de usos apenas lúdicos da literatura infantil, apontando, inclusive, para a inadequação desses usos, em razão da precária formação dos docentes destes níveis escolares (infantil e fundamental), no que se refere ao trabalho específico com a Literatura. Sugerem a convergência de esforços das Universidades e Escolas da Educação Básica, para formulação de novas políticas públicas (local/nacional) que possam trazer mudanças para um ensino adequado da Literatura e da Leitura, no país.

RESULTADOS

Considerando-se as duas pesquisas expostas, destacamos como resultados obtidos:

- a. os dois estudos apontam para a prevalência do uso lúdico dos textos literários em salas de aula (tanto no Ensino Médio como na Educação Infantil e Fundamental), confundindo-se o prazer intelectual da leitura estética (ato cultural de complexidade psíquica e ideológica (onde se renova a vida interior e a vida exterior do leitor/autor) com o prazer mais imediato da leitura lúdica;
- b. as duas investigações indicam, pela prevalência (nas escolas) do uso lúdico dos textos literários, o desconhecimento de que na Literatura “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”. (BAKHTIN, 1986, p.66). Em razão do exposto, concluímos que as práticas de ensino de literatura não vêm valorizando a palavra como geradora de cultura e a Arte como o veículo da civilização, da sua organização política, social, ideológica;
- c. em ambas as pesquisas, não se observaram, nas práticas com a literatura, conscientização docente sobre o papel ideológico da obra literária;
- d. conseqüentemente, as formas de construção de leitores é incompleta e permanece o conceito superficial de leitura linguística dos conteúdos (lúdicos) da literatura, separados da função social da Linguagem que os veicula.

DISCUSSÃO

Tendo em vista os resultados descritos acima sobre as inadequações nos modos de ensino da literatura na Educação Básica, reafirmamos a necessidade de mais investimentos na formação profissional dos formadores de leitores, por meio de parcerias das Universidades com as Instituições de Ensino Médio, Fundamental e Infantil para planejamento e realização de projetos de *pesquisa-ação*, voltada à problemática identificada.

Trevizan (2012) comenta que para Nóvoa (apud DUBAR, 2005, p. 25), “a identidade profissional é produto de sucessivas socializações” e reflete os percursos históricos formativos e profissionais dos atores da educação, o que inclui a necessidade de ampliação da *pesquisa-ação* para maior qualificação do ensino de leitura (literatura) no país.

Uma revisão de conceitos e práticas escolares sobre Literatura, Esteticidade, Leitura Estética, Ensino de Leitura, Formação Docente e Formação em Pesquisa é necessária, para que possamos alcançar o dinamismo real do ato de ler, já que, pela Filosofia Bakhtiniana do Sismo Ideológico, a linguagem é definida como uma macroestrutura de dimensão social, vinculada a um contexto histórico-cultural.

Assim, o ensino da leitura requer competência intelectual tanto do professor quanto do aluno para uma apropriação objetiva e, ao mesmo tempo, subjetiva (inaugural) dos sentidos do texto lido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3 ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1986.

BARBOSA, R. L. L.; ANNIBAL, S. F. Leitura: habilidade que pode concretizar a identidade docente. In: **XVII Congresso de Leitura** – COLE É preciso transcrever o mundo (M. de Barros, Campinas. Anais do XVII COLE). Campinas: COLE\UNICAMP. v. 1. p. 1 – 10, 2009.

COUTINHO, A. **Notas de teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria & prática**. 6ed. São Paulo, Ática, 1987.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

MARTINS, M.H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

TREVIZAN, Z. “Leitura do literário: os efeitos de sentidos do estético no século XXI”. IN: REZENDE, L. A. de (Org.) **Leitura e visão de mundo**: Peças de um quebra-cabeça. Londrina-Pr, Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL), 2007.

TREVIZAN, Z. “A profissionalização e o trabalho docente na formação de leitores”. IN: TREVIZAN, Z. e DIAS, C.L. (Orgs). Profissionalização: construção do conhecimento e da identidade docente. Curitiba (Pr), Editora CRV, 2012.

ZILBERMAN, R. “A leitura e o ensino da literatura”. IN: ZILBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na escola**: Alternativas do Professor. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.